



SEGUNDO DOMINGO DO ADVENTO
07/12/03

1ª leitura (Antigo Testamento): Baruque 5:1-9

O livro de Baruque é *deuterocanônico*, isto é, ele figura apenas na versão grega do Antigo Testamento chamada Septuaginta ou Versão dos Setenta. No entanto foi esta versão a usada pelos redatores do Novo Testamento para citar os textos das Escrituras. Apesar de algumas igrejas evangélicas ou protestantes chamarem estes livros de *apócrifos*, tendo-os como não inspirados, essa nunca foi atitude da Igreja Anglicana que, assim como Ortodoxos e Católico-romanos, sempre recomendou sua leitura limitando seu uso apenas nas questões de doutrina (vide Artigos da Religião).

Baruque, como personagem histórica, era o secretário, compilador e sistematizador da profecia de Jeremias (cf. Jr 32:12-16 onde é chamado de *Baruque, filho de Nerias, neto de Maasias*). No entanto, Jeremias profetizou entre 627 e 586 a.C. e a Septuaginta ficou pronta em 150 a.C. Se o autor de fato fosse o mesmo, onde teria ficado este texto todos esses anos e por quê não haveria uma versão em hebraico para ele em lugar algum? Segundo os redatores da Septuaginta, teria sido o mesmo Baruque o autor do livro *deuterocanônico* que estaria exilado na Babilônia (cf. Baruque 1: 1-2). No entanto, a biografia de Jeremias, feita pelo Baruque histórico, diz que quem teria ido para a Babilônia seria um irmão de Baruque chamado Saraías que era camareiro real (cf. Jr 51: 59-64).

Desta forma, o livro chamado de "Baruque" seria, na verdade, um *midrash* (isto é, interpretação) da profecia de Jeremias a partir da ótica dos judeus que viviam em Alexandria (capital do reino grego do Egito) no século 2º a.C. Para dar autoridade a esta interpretação foi atribuída ao secretário do profeta, quem poderia interpretá-lo melhor? Atribuir um texto a pessoas famosas era comum na antigüidade.

O *midrash* de Baruque concentra-se especialmente na carta de Jeremias aos exilados, (em hebraico *goláh*). Acontece que após o exílio babilônico todos os judeus que moravam fora de Israel (inclusive os que moravam em Alexandria) eram considerados "*goláh*". Nasce daí o interesse deles pela carta de Jeremias que é refeita em Baruque 6:1 em diante (cf. Jr 29:1-32). O texto deste domingo introduz a versão da carta de Jeremias centrando a releitura em dois princípios que os autores consideravam eternos: a justiça (5:2 e 9 cf. Jr 22:3) e a paz (5:4 cf. Jr 29:7). No entanto, surpreende o fato do profeta mais citado neste texto ser Isaías. Baruque 5:7 cita Isaías 40:3-5 (que também é citado no Evangelho para este Domingo Lc 3:4) usando um profeta



para entender outro profeta. O caminho (retirado de Isaías) só pode ser o da Justiça e da Paz (como plenitude de vida), como indica Jeremias; caminho pelo qual o Senhor reunirá o seu povo disperso (isto é, na *goláh*). Hoje sabemos que por esse caminho Jesus veio e andou e pelo mesmo caminho é que a humanidade estará mais perto do seu Reino e o seu Reino mais perto de nós. (Humberto Gonçalves)

2ª leitura (Epístola): Filipenses 1.1-11

Quando estava no Seminário, no final da década de oitenta, lembro-me que havia um irmão com quem sempre fazia os trabalhos em grupo. Aquele colega de turma era muito interessante justamente porque ele representava e desenvolvia aquilo que me faltava. Nós éramos uma boa dupla. Nossos trabalhos sempre recebiam uma boa nota.

Nesta carta é possível encontrar o esboço de uma relação íntima desenvolvida entre Paulo e os irmãos em Filipo. De fato, esta carta revela o quão próximo Paulo estava daqueles irmãos que, sempre que podiam, não mediam esforços para ajudar seu pastor. Pensando nessa relação de cooperação tão visível, propomos uma meditação com o seguinte tema: Uma Igreja comprometida.

O que é uma Igreja comprometida? Deste texto apreendemos que uma Igreja comprometida demonstra sua cooperação em pelo menos três esferas:

Em primeiro lugar, na cooperação ininterrupta (v.5). Normalmente só cooperamos com os outros enquanto tudo está bem, conosco e/ou em nossa relação. Diante de qualquer problema nossa cooperação cessa. Mas o tipo de cooperação que Paulo recebia daquela Igreja independia da situação. Nos momentos felizes ou nos momentos tristes. Nos momentos difíceis ou nos momentos fáceis. Quando tudo vai bem ou quando tudo vai mal. Nos acertos ou nos erros. Aquela era uma Igreja que cooperava com o ministério de Paulo em todos os momentos com apoio, com reconhecimento, mas também com críticas e sugestões. Este não foi o caso da Igreja em Corinto que chegou a discutir até se Paulo deveria ser visto como apóstolo. Definitivamente a Igreja em Filipos era diferente. Sua cooperação era constante e ininterrupta.

Em segundo lugar, uma Igreja comprometida demonstra seu compromisso por meio de uma cooperação sacrificial (v.7). Uma Igreja como a de Filipos é um bálsamo para qualquer pastor justamente porque ela coopera ininterruptamente até nos momentos de sacrifício. Isto significa que mesmo nos tempos ruins esta Igreja também cooperava. Paulo faz referência aos grilhões e ao tribunal que terá que enfrentar. Mas diz que os irmãos de Filipos estarão com ele sempre. Nos maus tempos de prisão ou nos bons tempos da proclamação, da pregação, do anúncio. Esta presença da comunidade em



todos os momentos da vida de seu pastor nos faz lembrar de Rm 12:15 que nos instrui a nos alegrar com os que estão alegres e a chorar com os que choram. Uma comunidade comprometida está presente sempre, inclusive quando se exige sacrifício.

Em terceiro lugar, uma Igreja comprometida demonstra seu compromisso por meio de uma cooperação intercessória (v.9). Esta cooperação intercessória tanto implica na oração de Paulo pela Igreja quando na oração da Igreja por Paulo. (v.19) É certo que devemos orar por todos os homens, principalmente pelos nossos orientadores espirituais e é certo que eles também oram por nós. Orar faz bem porque é um meio de graça e os edifica, mas também porque seus efeitos são benéficos para todos. Quer sejam aqueles por quem oramos, que sejamos nós mesmos.

De que forma queremos que nossa Igreja se comporte na iminência da vinda de Cristo? Como nos prepararemos enquanto Igreja para nosso encontro com Jesus? Por meio da cooperação com seus ministros. Uma cooperação que seja ininterrupta, sacrificial e intercessória. Lembro que durante todo o tempo em que passei no Seminário, um grupo de mulheres da minha congregação orava constantemente por mim. Uma delas até hoje chamo de minha "mãe espiritual". É importante quando temos a consciência de que alguém está sempre disposto a cooperar com seu ministério. Estamos cooperando com o ministério de nosso pastor ou apenas apresentamos problemas e complicações? (Jorge Aquino)

Santo Evangelho: Lucas 3.1-6

No primeiro Domingo do Advento, as comunidades cristãs foram convidadas a celebrar a partir de Lc 21 a História: contemplando o passado, mas principalmente abrindo o horizonte da esperança para o futuro. Como povo de Deus sempre a caminho, neste segundo domingo somos confrontados com a História: História vivida na Bíblia e História vivida por nós, mas iluminada pela Bíblia.

Contextualizando o texto (Lc 3,1-20) –

Lucas, ao escrever, leva em consideração que os "Teófilos" leitores não têm tanta familiaridade com os acontecimentos vividos na Palestina e que marcam a vinda do Messias, nem em seu aspecto político, nem em seu aspecto religioso. Para o leitor "Teófilo", acostumado a situar os fatos em relação a outros, Lucas enfatiza toda a hierarquia político-administrativa que os romanos mantinham na região. (cf. mapa em www.trindade.org). Em meio ao povo peregrino abre-se, de novo, espaço para que Deus possa ser "Emanuel".



Lucas em conformidade à sua proposta (1,1-4), procura facilitar o caminho ao leitor, e assim pode-se dizer que, o texto indicado para o segundo domingo do Advento e continuado pelo terceiro, constitui o início propriamente dito do Evangelho. Em At 10,37 Lucas reafirma este modo de compreender: *"começando na Galiléia, depois do Batismo pregado por João."*

O contexto ampliado mostra:

- a) Os preparativos 1,1-4,13
- b) a proposta de Lucas (1,1-14)
- c) dois anúncios: João e Jesus (1,4-2,20)
- d) infância de Jesus (2,21-52)
- e) a pregação de João (3,1-20)
- f) o batismo de Jesus (3,21-23)
- g) o álbum de fotografia da família: a genealogia (3,23-38)
- h) as tentações: momento decisivo.(4,1-13)

A leitura desta unidade maior não só esclarece os fatos enquanto acontecimentos na História, mas ilustram a História dando a esta sentido novo: chegou o tempo de Deus.

O texto em si

Os versículos indicados para o segundo domingo do Advento (Lc 3,1-6) funcionam como uma espécie de ponte que conduz de uma margem a outra, entre o Antigo e o Novo Testamento. A água do rio é a mesma (AT como Escritura), mas a utilização é diferente. Cada margem do rio representa também uma História: por um lado a História oficial dos romanos e do templo como forças aliadas e representantes da oficialidade da história; por outro lado, o anúncio de João, o resgate dos profetas, a história contada a partir da marginalidade; no deserto.

Os dois caminhos:

1) A história oficial: Tibério domina o mundo; Poncio Pilatos governa a Judéia; Herodes Antipas ministra a Galiléia - É filho de Herodes, o grande, que mandou matar as crianças (Mt 2,13-18); Felipe é administrador de uma vasta região; Anás e Caifás são o elo entre Rama e os saduceus. Uma ligação entre poder político (Roma) e o poder religioso (sinédrio).

2) a nova história: João proclama um batismo de conversão, isto é, mudança de rumo; A história de João começa com Zacarias. O nome significa a fidelidade de Deus que recorda; a proclamação recorda o êxodo; o novo rumo não passa pela dominação, mas pela adesão.



O novo caminho

A proclamação de João resgata um momento significativo da história passada, ela faz do passado uma lição a ser refeita: abris um caminho para a salvação que vem. O exílio a ser superado agora é interno.

A estrutura do texto:

- a) A importância da estrutura governamental (vv 1-2 a)
- b) A palavra dirigida a João filho de Zacarias (2 b -3)
- c) A dinâmica profética da denúncia (4-5)
- d) A proposta de João é aberta a todos (v 6)

Indicações que o texto oferece:

- A dinâmica e a pedagogia que marcam os passos do calendário litúrgico abrem espaço na comunidade para a repetição. Advento é convite aberto para um novo tempo.
- O evangelista, em conformidade com sua proposta redacional coloca em movimento (simbolizado pelo caminho), uma visão de que a história oficial não salva ninguém.
- O deserto (símbolo do vazio e confronto com Deus, com as forças do mundo e consigo mesmo é o novo ponto de partida).
- A salvação não vem da história oficial que é seletiva, e principalmente excludente.
- A salvação vem pela mudança, vem da proposta que exige maneiras novas de relacionamento.
- Nossa prática cristã se enquadra com a proposta da história oficial ou recria as condições visualizadas por João? (Lauri Wolmann)

2º comentário (Lucas 3.1-6):

A preocupação de Lucas em detalhar de modo tão preciso quem eram as pessoas mais poderosas do mundo na época do nascimento de Jesus é de grande importância teológica. Ele está afirmando que o tempo decisivo chegou para os povos em geral, para os governantes e as autoridades da época. Roma domina o mundo através de Tibério César, com o auxílio de Pilatos na Judéia, Herodes na Galiléia e outros. Mas contra esses dominadores, a Palavra de Deus vem por intermédio de um "João", alguém que cresce longe dos centros do poder, "no deserto". O conteúdo da mensagem daquele que foi o precursor



de Jesus era o arrependimento e a emenda de vida diante da ação que Deus estava começando a fazer.

Tal como no texto do domingo anterior, há algumas variações na narrativa de João, se comparadas às de Mateus e Marcos. Enquanto nesses dois evangelhos, o chamado de João ao arrependimento se dirige aos escribas e fariseus, para Lucas trata-se de um chamado a todos, em geral. O que João está iniciando será confirmado e plenamente realizado por Jesus em seu ministério e continuará no testemunho da comunidade, na sequência escrita por Lucas no livro de Atos. Em Atos, os seguidores de Jesus se defrontam com os poderes da Galiléia, Judéia e os confins da terra, incluindo Roma. Observe que a narrativa lucana de Atos termina exatamente na cidade de Roma, centro do Império.

O batismo realizado por João provavelmente tratava-se de uma adequação dos ritos essênios de purificação (banhos rituais diários, realizados numa comunidade fechada), agora oferecidos por João a todo o povo. Aliás, até hoje discute-se entre os estudiosos do Novo Testamento as influências essênias em João e qual o grau de ligação dele com essa comunidade.

João, até então era um desconhecido, um "joão-ninguém" que perambulava pelo deserto exortando, denunciando e anunciando o arrependimento diante do que Deus irá realizar. Mas este João tornou-se a figura mais importante da velha aliança, a ponto de Jesus dizer que não houve ninguém como ele ("entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João; mas o menor no reino de Deus é maior do que ele"- Lc 7.28). O que significa isso?

João viveu no tempo da lei e não chegou a desfrutar os benefícios da nova e definitiva Páscoa, o sacrifício libertador de Cristo. Desde então, vivemos no tempo da graça e do Reino de Deus : "a lei e os profetas vigoraram até João (o Batista); desde esse tempo vem sendo anunciado o Reino de Deus" (Lc 16.16). Por isso, qualquer cristão(ã) atualmente, é "maior que João", no sentido de conhecer os mistérios da história da salvação e desfrutar de seus benefícios. Não importa nosso grau de instrução ou classe social. Para os poderosos da época, João Batista era apenas um "joão ninguém do deserto". Mas ele foi fiel ao conhecimento que tinha da Palavra de Deus e não se intimidou.

Deus hoje continua nos chamando a todos(as) para prepararmos o caminho do Senhor, no início do século XXI, quando os EUA dominam o mundo, sendo George Bush seu presidente, Tony Blair seu vassalo e tantos outros governantes, seus subordinados. Mas exatamente nesses tempos somos chamados a anunciar o arrependimento e a vinda do Reino. (Carlos Eduardo B. Calvani).